



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de abertura do encontro com diretores nacionais, superintendentes e gestores de atendimento regionais da Caixa Econômica Federal

Centro de Convenções Brasil 21 - Brasília-DF, 14 de julho de 2010

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Guido Mantega, nosso querido companheiro ministro da Fazenda, e é importante a gente fazer justiça a quem merece justiça, porque parte do sucesso do enfrentamento à crise econômica de 2008, a gente deve às atitudes corajosas, às políticas anticíclicas, que o companheiro Guido Mantega colocou em prática imediatamente. Até a decisão de comprar banco...

Quero cumprimentar a companheira Maria Fernanda. É engraçado... a gente, muitas vezes, não acredita ou não quer acreditar em destino, ou, muitas vezes, a gente não quer acreditar na sorte; e é engraçado como é que eu conheci a Maria Fernanda. Nós tínhamos tido um problema na Caixa Econômica – todo mundo se lembra – com um ex-presidente da Caixa Econômica, e eu tinha que fazer a substituição e conversei com muita gente, quem que é eu iria colocar na presidência da Caixa Econômica, e conversei com três pessoas que me foram apresentadas na Caixa Econômica Federal. Eis que um belo dia, lá pelas seis e meia, sete horas da tarde, chega uma companheira, do jeitinho que ela está aqui hoje, cabelinho amarrado, eu falei assim: “Acho que não é essa que é para ser entrevistada”. Mas um companheiro tinha me falado que ela era uma mulher de muita qualidade, mais de 20 anos na Caixa Econômica Federal e que, portanto, ela poderia ser uma surpresa. Conversamos uma meia hora, ela me contou os obstáculos, porque ela não poderia ser diretora da Caixa, presidenta. Ela me contou que ela tinha um irmão, o irmão dela trabalhava com um político adversário do governo, e



que ela, então, tinha medo de aceitar um cargo e, amanhã, vir a imprensa e, portanto, criar uma confusão e eu ter que mandá-la embora antes dela tomar posse.

Ela saiu dali, eu procurei uma pessoa e eu disse: “Olha, eu acho que eu encontrei a pessoa para ser presidenta da Caixa Econômica Federal. Eu achei”. E acho que foi no dia seguinte que então você foi chamada para dizer que você seria a presidenta da Caixa Econômica Federal.

Das pessoas que eu conversei, possivelmente fosse a que menos falasse, possivelmente fosse a mais quieta, mais inibida, a mais introvertida, e eu tinha tido uma lição de vida, em 1980, na greve dos metalúrgicos. Eu criava lideranças por setor, que nas indústrias automobilísticas eram divididos por alas: a Volkswagen tinha a ala 1, ala 2, ala 3, ala 4, até a ala 17, e eram alas com muitos trabalhadores, e eu precisava ter uma relação de confiança com as pessoas de cada ala. Então eu convocava assembleia de cada ala, separadamente, e eu dizia para os trabalhadores: “Olha, eu vou sair da sala e eu quero que vocês escolham o líder de vocês. Agora, eu queria que vocês escolhessem o líder da seguinte maneira: o líder não é o que faz mais discursos; o líder não é o que fala mais; o líder é aquele que quando ele falar, vocês acreditam nele. E quando vocês falarem para ele, ele será o porta-voz fiel de vocês na conversa comigo, no sindicato. Assim, nós estabelecemos uma política de confiança: eu sei que eu estou dando uma mensagem para alguém que vai ser ouvido dentro do setor, com 100% de credibilidade, e eu sei que os trabalhadores, quando mandarem uma mensagem para mim, também estão mandando uma mensagem por um companheiro que ele sabe que o presidente vai confiar”. E foi engraçado, Maria Fernanda – eu nunca te contei essa história –, é que nenhum dos faladores (incompreensível) líderes. Porque a gente vê na porta de fábrica, quando tem greve, aquelas pessoas que mais se esgoelam, que mais gritam... Na verdade, aqueles não são líderes, o cara quando grita muito é porque falta argumento. O cara não precisa se esgoelar.



Uma vez eu estava gritando: “Porque eu quero reforma agrária, ampla e radical, sob o controle dos trabalhadores”. Eu desci do palanque, uma mulher falou assim para mim: “Lula, não dá para você falar um pouquinho mais baixo? E falar a mesma coisa de forma mais carinhosa? Por que passar tanto ódio?” E foi assim que eu escolhia todos os líderes e nenhum daqueles que achavam que eram os oradores de porta de fábrica - os líderes - eram escolhidos. Normalmente, eram as pessoas que tinham um jeito mais simples, mais comedidas, mas que tinham mais seriedade no tom de voz. Então, hoje, eu posso confessar, querida, que foi esse o critério.

Bem, quero cumprimentar o nosso querido companheiro Nelson Machado,

E quero cumprimentar o nosso querido Carlos Borges, vice-presidente de atendimento e distribuição da Caixa, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os funcionários.

Eu estou com o discurso aqui, vocês sabem que toda vez que eu deixo de ler o meu discurso eu faço bobagem, porque eu falo mais do que deveria falar. Mas... Tem mais discurso chegando aqui...

Bem, mas eu me permito aqui, eu quero ter uma conversa um pouco franca, acho que os números que estão no meu discurso são sólidos, não tanto quanto os teus, mas são sólidos. Mas eu queria lembrar vocês de uma coisa: o ser humano, ele é de 60 a 70% emoção e motivação, e ele é menos razão. Se o ser humano não estiver motivado a fazer umas coisas, ninguém é inteligente se não tiver motivação. Ninguém ganha uma partida de futebol se não tiver motivação. Ninguém consegue passar num concurso público se não tiver motivação. Ou seja, a motivação é a razão pela qual a gente levanta de manhã com a disposição de vencer aquele dia. E eu acho que nós deveríamos discutir um pouco, em função do (falha no áudio) acabamos de dizer.

Os mais velhos aqui se lembram que em 1958, a gente ainda estava traumatizado com a derrota de [19]50, no Maracanã, para o Uruguai, de 1 x 0,



ou melhor, de 2 x 1; e depois da derrota de [19]54. E a gente foi para [19]58 totalmente desmoralizado, desacreditado, mas também foi a primeira vez que os jogadores brasileiros tiveram acesso a um dentista. Teve um jogador que teve que arrancar quatro dentes para jogar, ou seja, não havia essa cultura. E o Brasil começou o jogo com a Suécia, na final, e a Suécia fez 1 x 0.

Então é uma cena que é um pouco da motivação de vida que eu tenho. A Suécia marcou um gol, logo nós, torcedores mais velhos, ficamos traumatizados: “Mais uma vez vamos perder, chegamos na Final”. Parecia a Holanda: chega sempre na Final e perde. E tinha um jogador chamado Didi, Maria Fernanda, que morreu um tempo atrás, foi técnico do Peru, levou o Peru a ter uma posição importante na Copa de [19]70, no México. E esse Didi foi até dentro do gol brasileiro, pegou a bola, pôs a bola embaixo do braço, caminhou com a bola até o meio do campo – acho que essa cena muita gente se lembra – e fez quase uma convocação aos jogadores para ganhar o jogo. E o Brasil ganhou de 5 x 2 da Suécia.

Por que eu estou contando esse caso? Porque o Brasil e a Holanda, agora, nós não tivemos esse alguém que teve a coragem de ir dentro do gol pegar a bola, levar a bola para o meio do campo e dizer: “Olha, nós somos melhor do que eles, porra. Nós somos brasileiros e não desanimamos nunca, rapaz. Vamos lá! Vamos...” Faltou, ou seja, faltou alguém que desse esse toque de autoestima.

A Maria Fernanda começou a falar da Caixa, e ela começou a lembrar o tempo das vacas magras na Caixa Econômica. O tempo em que não apenas a Caixa, mas quase todos os bancos públicos eram, todo santo dia, execrados. Eram execrados, porque havia uma determinação de provar que todo funcionário de banco público era marajá, todo mundo ganhava muito dinheiro, que não tinha, não tinha captação de recurso, que não tinha crédito e que, portanto, era tudo banco que dava déficit ao Tesouro, e que a gente tinha que



cobrir todo ano. Essa era a ideia de falar o seguinte: “Olha, nós não prestamos, quem presta são os outros”.

Ela começou mostrando o que foi a Caixa e o que é a Caixa hoje. Quer dizer, os números colocados ali mostram não apenas que nós temos uma outra Caixa, ela mostra que nós temos um outro país, um outro tipo de gente. Um outro tipo de brasileiro que começa a perceber que este país pode ser tão importante quanto aqueles que nós achávamos que eram mais importantes do que nós. Na crise econômica, nós soubemos sair melhor do que os Estados Unidos. Nós soubemos sair melhor do que a Alemanha, do que a França, do que a Itália, do que a Espanha, do que todos que passaram o tempo inteiro achando que eram melhores do que nós. Vocês perceberam que durante a crise do ano passado, vocês não ouviram uma voz do FMI? E a nossa geração cansou de vê-los vir ao Brasil dizer o que a gente tinha que comprar, o que a gente tinha que pagar, para onde que a gente deveria ir, para onde que deveria ficar, ou seja, eles sabiam tudo quando a crise era nos países pobres, porque eles foram criados pelos ricos para ensinar os pobres, mas quando foram os ricos que quebraram, eles não sabiam, e não deram um palpite e os ricos não aceitaram o palpite deles.

E o que aconteceu? Nós estávamos mais preparados, nós tínhamos uma Caixa Econômica mais sólida, nós tínhamos um Banco do Brasil mais sólido, nós tínhamos um BNB mais sólido, nós tínhamos um BNDES mais sólido, nós tínhamos comprado bancos públicos estaduais que tinham sido vendidos. Se um dia eles tinham servido para ser caixa dois de candidato a governador, nós resolvemos assumir e colocar neles a nossa marca. Na crise, nós não tivemos coragem [vergonha] de comprar o Banco Votorantim, 50% dele, para poder a gente ter *expertise* para financiar carro. Nós não tivemos vergonha de dizer para a Caixa Econômica: compre mais agências, compre carteira. A gente não vai enfrentar essa crise jogando dinheiro embaixo do colchão. Essa crise a gente vai enfrentar é chamando a sociedade brasileira a



consumir. Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro de 2008, quando todo mundo fazia terrorismo de que o comércio do mundo tinha acabado, eu fui à televisão fazer um pronunciamento de oito minutos para dizer para o povo: “Se você não está comprando com medo de perder o emprego, você vai perder o emprego se você não comprar. Vá às compras, meu filho, com responsabilidade. Vá às compras com responsabilidade”.

É assim que este país começou a se encontrar consigo mesmo e que as coisas começaram a dar certo. Os números que a Maria Fernanda mostra aí, eles são até chocantes. Eu nem queria que ninguém do outro governo visse. Eu, sinceramente... se puder esconder, esconda. Ou mostre só os nossos ou mostre só os deles. Porque nessas alturas do campeonato a gente ficar mostrando é uma vergonha, porque este país passou 25 anos atrofiado. Eu duvido, se eu perguntar para o mais inteligente da Caixa, o que passou em primeiro lugar no concurso nos últimos 25 anos, se ele se lembra de uma obra estruturante feita nesse país em 25 anos.

Este país ficou paralisado, este país não investia em habitação, este país foram quase duas gerações em que só caía o número de trabalhadores com carteira assinada. Eu passei 20 anos da minha vida sem ver uma placa na porta de uma fábrica: “Precisa-se de alguma coisa”. Eu vivi o auge dos anos 70, quando o PIB crescia a 14%, em que uma empresa ia à porta da outra roubar trabalhador. Depois, eu conheci os anos 80, quando a gente começou a pagar a dívida externa, em que desapareceu o emprego, e a gente não via ninguém, não tinha uma placa mais: “Procura-se”, “Precisa-se”. Não tinha.

O país, então, formou, Guido Mantega, duas gerações que perderam a perspectiva de estudar. Quando a gente vê uma criança de 28 anos, que são crianças, de 20 anos, sendo presas, na verdade, não era só ele que deveria estar sendo preso, era quem governou este país, a economia deste país, e que permitiu que esse jovem não tivesse possibilidade de estudar ou de trabalhar. O que é que faz um adolescente, ao tirar o diploma do ensino fundamental, a



fazer o segundo grau, sem poder pagar uma universidade, sem ter possibilidade de emprego? O que ele faz? Muitas vezes, com o pai e a mãe desempregados. Eu conheci, Guido, na década de 80, ferramenteiros - que era uma profissão nobre - que ficavam 13 anos sem arrumar emprego. Era um tempo em que engenheiro ia vender água de coco na praia de Santos ou de Pernambuco. Era tempo que engenheiro se formava e que não tinha emprego, ia ser analista de banco. Ou seja, esse tempo, a nossa geração, a nossa turma, que está aqui, acabou, e não há perspectiva de retrocesso. Não há perspectiva de retrocesso, porque o povo aprendeu uma coisa que a Maria Fernanda disse: “Esse povo está aprendendo a ter autoestima”.

Eu não sei se aqui tem muita gente de Pernambuco. Pelo menos a Maria Fernanda eu sei que é, mas ela estava lá, quando a gente foi inaugurar o Estaleiro Atlântico Sul e quando a gente viu, primeiro, um monte de dekasseguis, de japoneses que foram para o Japão para trabalhar, porque não tinha emprego no Brasil, e vieram trabalhar no Brasil porque não tinha emprego no Japão. Orgulhosamente brasileiros que foram para o Japão, para aprender e sobreviver, e voltaram soldados, meninas cortadoras de cana, meninos cortadores cana, soldador, com um orgulho no rosto que não há empréstimo da Caixa Econômica que pague.

Este país, companheiros, não tem retorno, não tem retorno porque eu acho que todos nós fizemos as coisas que deveríamos fazer. Veja só: nós já lançamos o PAC 2. Eu poderia dar um exemplo para vocês, o Ministério do Transporte, quando nós chegamos no governo, Guido, tinha R\$ 1 bilhão, este ano, já está com 15. Esses dias nós fomos lançar obra no Triângulo Mineiro, que só a quantidade de obra que nós lançamos no Triângulo Mineiro era mais do que tudo o que se lançou no Brasil em 2002. Este país tem um PAC que está previsto, até 2014, praticamente R\$ 958 bilhões, e mais R\$ 631 bilhões a partir de 2014, pelo menos, até 2017. Só a Petrobras, são US\$ 224 bilhões que está previsto investir até 2014.



Vocês estão lembrados. Há cinco anos atrás, seis anos atrás, diziam os espertos desse país que a gente não saberia produzir uma plataforma na Petrobras, que tinha que comprar de Cingapura; que a gente não poderia fazer uma sonda, que tinha que importar da Coreia do Sul; que a gente não poderia fazer um petroleiro, que tinha que exportar [importar] da China. Pois bem, este país, que não podia fazer, está fazendo sonda, está fazendo plataforma, está fazendo navio. Este país, que tinha uma indústria naval de apenas 1600 trabalhadores, em 2003, já tem uma indústria naval de mais de 46 mil trabalhadores, fora os estaleiros que estão sendo feitos.

A Caixa Econômica, que quase não tinha casa para financiar, hoje está deixando vocês doidos de analisar projeto, de gente pobre que não tinha dinheiro para comprar casa, de gente que ganha de zero a três salários mínimos, que nunca teve programa de financiamento, e que nós tomamos como decisão, para enfrentar a crise econômica, fazer casa para essa gente. E eu sabia que vocês também não estavam preparados, eu não estava preparado, Maria Fernanda não estava preparada, os empresários não estavam preparados, ninguém estava preparado para dizer: “Nós vamos fazer um milhão de contratos”. A gente não estava, a gente não estava habituado. E se preparem porque tem mais, vai ter mais inclusão bancária, vai ter mais casa para a gente vender, vai ter mais gente querendo casa, porque é esse o papel, Guido... Não se preocupe, Guido, se a gente tem menos crédito (incompreensível), não. Dinheiro faz dinheiro, Guido. Dinheiro faz dinheiro.

Todos vocês sabem, gente, eu, se pudesse, fazia da Loteria Federal... ninguém ganharia sozinho. Eu daria para 50 mil pessoas, dez contos para cada um. Porque, quando um cara sozinho ganha 30 milhões, vira um milionário, que vai ao banco, deposita o dinheiro e vai viver de juro. É logo enganado por um, um... Como chama? Um especialista, um daqueles que fala: “Não, pode deixar, que eu vou gerenciar o seu dinheiro”. Não é? E come o dinheiro do coitado. Ou seja, ele fica sozinho, é o único bilionário. Então, divide aquilo para



dois mil, eu tenho duas mil pessoas comendo em restaurante, duas mil comprando carro, duas mil comprando sapato, comprando meia, comprando roupa... Ou seja, essa é a lógica da inclusão.

Eu lembro daquele dia que nós fizemos aquele ato de inclusão, que uma mulher, vendedora de papel foi chorar. Não pense que ela chorou pela quantidade de dinheiro, não. Ela chorou porque ela nunca tinha pensado em entrar em uma agência da Caixa Econômica Federal. E vamos ser francos, companheiros: vocês também tinham desaprendido a atender essa gente, porque vocês também tinham aprendido que não era para isso que tinha que ter a Caixa Econômica Federal, como os funcionários do Banco do Brasil. Nós somos a geração que fomos emprenhados pelo ouvido de que tudo que era privado era bom e tudo o que era público era ruim. E quanta gente acreditou, quanta gente tinha vergonha de entrar no restaurante e dizer: “Eu sou funcionário público. Eu trabalho na Caixa, mas, olha, eu ganho pouco”. Já rasgava o holerite pela metade, quando, na verdade... quando, na verdade... Eu vi uma matéria na revista IstoÉ, esses dias, IstoÉ Dinheiro, acho que até mostrei para o Guido, o Landim, que era um ex-funcionário da BR e da Petrobras, que, na época, ganhava R\$ 26 mil, brigando com o Eike Batista por causa dos 400 milhões de bônus que ele tinha direito.

Então, o que eu estou cansando de ver é gente tirar gente da máquina pública, que ganha 10 mil, que era tido como marajá, e pagar 40, 50, na iniciativa privada, ou 60, achando que é pouco ainda.

E eu quero que vocês saibam que vocês têm um presidente da República que, certamente, nunca, nunca vai poder dar tudo o que vocês merecem, até porque o mandato está acabando. Mas, certamente, vocês têm um presidente da República que sabe que muitos de vocês ganham menos do que aquilo que o mercado poderia oferecer para vocês, se vocês quisessem trabalhar em uma outra empresa. Muitos sabem. E eu sei que muitos de vocês... Não é que ninguém quer trabalhar de graça não, porque, por amor, só



o presidente da República trabalha; dez pau por mês. Eu queria dizer para vocês que eu sei que vocês não querem trabalhar de graça e por amor; vocês querem ser remunerados adequadamente, pelo que vocês fazem, pelo que vocês merecem, mas não é só isso. O Guido tem razão, é que, junto com isso, tem uma coisa que é o prazer de fazer aquilo que a gente se sente útil, de saber que alguém vai ter uma casinha, porque vocês perderam meia hora do dia de vocês, analisando um projeto, e falaram: “Esse aqui está pronto e esse vai, agora, para financiamento”. É essa coisa nobre do ser humano que eu acho que a gente não pode perder.

A Caixa, hoje, é uma instituição muito poderosa. Logo, logo, vai estar financiando casa. Eu lembro o dia que eu falei para o Chávez: “Ô, Chávez, você não tem casa popular, você não fez casa?”. “Ah, é uma coisa, Lula, difícil, não sei das quantas e tal”. Eu falei: “Rapaz, eu vou trazer a Caixa aqui, para você ver como a Caixa faz”. Em uma semana a Caixa foi lá e, logo, logo, vai fazer o primeiro... Já temos uma agência lá. Porque nós temos que ajudar também os que têm menos do que a gente. O Guido sabe que eu estou em uma briga com ele, porque o Banco do Brasil precisa se expandir para o exterior. Não é possível que a gente tenha... Tantos países importantes [com] que o Brasil tem superávit comercial e a gente não tem um banco e os bancos estrangeiros ficam pegando dinheiro que é nosso. Ter banco lá fora é bom, rapaz. Captar recursos lá fora!

Então, olha, eu acabei não lendo o meu discurso, mas eu acho que valeu a pena governar este país e viver esse dia. Eu, daqui a... eu agora já estou em uma contagem regressiva. Eu, daqui a cinco meses e, agora, quase quinze dias... É dia 14 hoje? Cinco meses e quinze dias. Eu estou deixando a Presidência da República, mas queria dizer para vocês do orgulho de termos construído o que nós construímos. Ou seja, possivelmente, o patrimônio que nós construímos, o patrimônio de sabedoria, o patrimônio de aprendizado, o patrimônio da coisa de a gente perceber que a Caixa não era aquela coisa



falida, aquela coisa pesada, aquela coisa imprestável. O que faltava para a Caixa Econômica, primeiro, cliente; segundo, financiamento; terceiro, saber que o governo iria apostar em fazer casa para as pessoas que precisavam de casa neste país. E eu acho que a mudança, ela é extraordinária.

Então, eu saio... Talvez esse seja o último encontro, porque, se eu começar a me encontrar muito, vão dizer que eu estou fazendo campanha eleitoral. Então, eu preciso parar. Mas dizer para vocês que eu fico orgulhoso de estar conversando com vocês, quando vocês estão discutindo a estratégia de vocês para os próximos anos, e posso dizer para vocês, escrevam o que eu estou dizendo: este país, dentro de seis ou sete anos, será a quinta economia do mundo. Não será mais um país do futuro. Este país, o futuro dele já aconteceu. Este país, em 2011, vai ter Olimpíada Militar; em 2013, vai ter Copa da Confederação; em 2014, vai ter Copa do Mundo; em 2015, vai ter Copa das Américas; em 2016, vai ter Olimpíadas. Ou seja, é uma quantidade de eventos, de obras, de coisas que nós vamos ter que fazer que... Ontem vocês viram que chique, até um trem-bala nós lançamos ontem. Quem é que imaginava? Quem é que imaginava?

Eu estava dizendo, agora, ali, até para os empresários alemães, Guido, que os críticos... Que já tem gente que critica: "Para que trem-bala? Para quê? O Brasil tem que ter trem-lesma, tem...". Tudo o que é lá fora é bonito, tudo o que é aqui é ruim. Então, eu acho que nós, eu acho que nós chegamos em um ponto de não dever nada a ninguém. E eu acho que vocês são peças fundamentais e importantes para o sucesso do que nós temos que fazer. O PAC 2, são dois milhões de casas. Vai ter muito mais trabalho, vai ter muito mais trabalho e vai ter muito mais coisa para fazer. Eu acho que a Caixa vai ajudar a financiar coisa em outros lugares, ajudar, porque esse é o nosso papel, mais crédito, mais inclusão. Esse é o papel da Caixa: virar um grande banco de verdade, não apenas a nossa Caixa, de quem está aqui, mas a Caixa



de 190 milhões de brasileiros, de pessoas que vão sentir orgulho daquilo que podem oferecer e daquilo que podem receber.

Por isso, minha querida Maria Fernanda, é com muito orgulho que eu estou vivendo esse momento. Eu lembro do dinheiro que você mostrou aí e eu lembro do crédito que o Brasil todo tinha em 2003. Em 2003, todo o crédito brasileiro era de R\$ 380 bilhões. Um país com 190 milhões de habitantes tinha, de crédito disponível, R\$ 380 bilhões. Hoje, só a Caixa apresentou aí 281 bilhões. O Brasil todo é mais de R\$ 1 trilhão e meio.

Então, eu acho que este país, Guido Mantega, este país realmente se encontrou com o seu destino, não há espaço para pequenez mais, não há espaço, e não há espaço, Guido, de ter medo. Eu lembro... Vocês pensam que as coisas acontecem de mágica? A Petrobras encontrou o petróleo no pré-sal, muita gente fala: “É sorte”. Qualquer um que tivesse encontrado. Foi cinco vezes mais investimento em pesquisa para encontrar, porque, neste país, as pessoas não queriam investir em pesquisa. Sabe por quê? Porque a pesquisa pode não dar em nada. Então, as pessoas pensam que é dinheiro jogado fora.

Esta semana, Maria Fernanda, eu participei do ato mais orgulhoso da minha vida. Eu até disse que, se eu morresse naquele dia, estavam pagos os meus 39 anos que eu estou na Terra. Ou seja, eu participei da primeira entrega de diploma dos quatrocentos e pouco jovens da periferia que se formaram – vejam só – em Medicina, pelo ProUni.

Agora, Maria Fernanda, o Senado aprovou. Nós vamos agora fazer a Universidade Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, lá no Estado do Ceará, que foi onde os escravos começaram o primeiro processo de libertação. Como o Brasil não pode pagar o que o povo africano fez por nós, em dinheiro, a gente paga em solidariedade. Então a universidade vai ter dez mil alunos, cinco mil brasileiros, cinco mil africanos, para a gente ajudar a formar gestor, para ajudar a formar médico, engenheiro, agrônomo, enfermeira, para a gente poder ajudar eles a se desenvolverem.



Nós estamos com um programa de investimento com a Embrapa. Nós já descobrimos que a savana africana tem o mesmo potencial de produção que o cerrado brasileiro. Significa que, com um pouco de investimento e um pouco de manejo da terra, a gente vai poder produzir, em uma parte da África, a mesma quantidade de grãos que a gente produz no cerrado, que é a maior produção por hectare do mundo. Então, eu penso que esse momento que nós estamos vivendo é simplesmente fantástico.

Então, eu queria terminar, dizendo para vocês da ironia do destino deste país. Eu não sei se vocês sabem, é a primeira vez, na história do Brasil, que o Brasil tem um Presidente que não tem diploma universitário e um Vice que não tem diploma universitário. É a primeira vez. E eu não falo isso com orgulho, não, porque eu adoraria ter um diploma universitário, eu adoraria ser economista, eu falo sempre com o Guido. Porque eu brinco sempre com o economista: quando a gente é oposição, economista sabe tudo, é uma facilidade desgraçada; quando chega no governo, para fazer, é mais difícil. Nós... O Guido, não. O Guido fez, quando chegou no governo. Eu sinceramente...

Agora, veja, veja qual é a ironia do destino, gente, e falo isso para terminar, falo isso para terminar. Eu e Zé Alencar já somos, hoje, o Presidente e o Vice-presidente que mais fizemos universidade na história do Brasil. São 14 universidades novas, 12 prontas e uma da América Latina, que está para ficar pronta, que vai ter currículo latino-americano, história, professor latino-americano, alunos latino-americanos, que é para a gente trabalhar esse negócio da integração da América Latina. Essa afro-brasileira, já tem outras 12 funcionando, tem 105 campi avançados pelo interior do país. E, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia de tudo o que foi feito em um século, de 140 escolas técnicas, nós, em oito anos, fizemos 214, ou seja, uma vez e meia. Significa que, com mais uns 20 anos, este país, andando nesse prumo que



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

está, nós viraremos, definitivamente, uma grande nação, para que nunca mais ninguém fale de Primeiro Mundo, sem citar o nosso querido Brasil.

Um abraço. Parabéns. Parabéns, Maria Fernanda. E parabéns a toda diretoria da Caixa Econômica.

(\$211A)